

Afinal, Paris está em chamas?

Vera L. C. Lamanno-Adamo,¹ Campinas

Resumo: Apoiada na leitura de *Paris está em chamas?*, de Lapierre e Collins, e na escrita de Selma Santa Cruz, *Para entender Paris*, a autora sublinha a tradição revolucionária da psicanálise, sua insistência em fazer avançar a teoria e a técnica, coluna vertebral de sua ética. Os constructos teóricos e clínicos elaborados por Marcelo e Mauren Viñar sobre exílio e tortura fornecem uma espécie de bússola para a clínica com pessoas em sofrimento extremo. Uma clínica que impõe ao analista encontrar uma abertura para o dilema entre o gelo da desafetação e o fogo da consumição.

Palavras-chave: psicanálise em chamas, ética psicanalítica, psicanálise com pessoas em sofrimento extremo

Eis o que sucede conosco na música: primeiro temos que aprender a ouvir uma figura, uma melodia, a detectá-la, distingui-la, isolando-a e demarcando-a como uma vida em si; então é necessário empenho e boa vontade para suportá-la, não obstante sua estranheza, usar de paciência com seu olhar e sua expressão, de brandura com o que nela é singular.

FRIEDRICH NIETZSCHE

Paris, onde floresceu o Iluminismo, movimento do século 18 que consagrou os ideais de igualdade, liberdade e direitos individuais como pilares da civilização, reergueu-se incontáveis vezes ao longo das eras após inúmeras revoluções, epidemias, guerras e invasões. Ela manteve sua essência idealista:

Como se a cidade fosse uma personagem humana, heroica e inspiradora. Tanto que, em retrospectiva, o lema medieval de seu brasão parece premonitório: a imagem de um navio, símbolo da confraria dos mercadores de água do século 12, acompanhada da frase *Fluctuat nec mergitur*, ou seja, flutua sobre as ondas, mas não naufraga. (Santa Cruz, 2021, p. 15)

Alguns momentos revolucionários que acometeram Paris e a colocaram à beira de um naufrágio incluem a trágica Noite de São Bartolomeu, em agosto de 1572, quando os sinos da igreja Saint-Germain L'Auxerrois, ao redor do Museu do Louvre, assinalaram o início de uma das piores carnificinas da

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp).

história da França. Milhares de protestantes foram massacrados por um turbilhão de católicos, em meio às denominadas guerras de religião do século 16, que representavam, de fato, embates políticos insuflados por facções da nobreza e da Igreja.

Na sequência, Paris vivenciou muitas outras rebeliões, invasões, cercos, guerras; principalmente após a Revolução Francesa em 1789, quando, ao derrubar a monarquia e decapitar o rei Luís 16, em meio ao tumulto fratricida de violência e sangue, os franceses coroaram, em 1804, um imperador, o corso Napoleão Bonaparte. Um império que durou 10 anos e, após sua derrota, em 1815, a história deu um passo atrás, com o restabelecimento da monarquia, o regime derrubado 26 anos antes com tanta violência e a um custo tão elevado de vidas.

Em 1960, o poder revolucionário voltou a explodir, quando um pequeno movimento de protesto de universitários de uma cidade perto de Paris evoluiu para uma conturbação generalizada contra o sistema político e o capitalismo, que paralisou o país por dois meses. Os estudantes ocuparam a Sorbonne Université, incendiaram o prédio da Bolsa de Valores e transformaram o Quartier Latin em praça de guerra com a polícia, conseguindo a adesão de milhares de trabalhadores e profissionais liberais para uma greve geral.

São muitas as reviravoltas da política que acometeram a França, ora dominada por monarquistas, ora dominada por republicanos, que deixaram rastro de destruição e sangue e inúmeras camadas de reminiscências, introduzindo sucessivas mudanças de nomes de ruas e o destino inconstante dos monumentos da cidade de Paris, levando-a a se assemelhar

a um palimpsesto, aquele tipo de pergaminho usado na Antiguidade em que se escreviam texto sobre texto. E quando se flana, atualmente, por suas elegantes praças e ruas, é difícil acreditar que ela já foi um amontoado de casebres e ruas insalubres, por onde corriam esgotos a céu aberto e se arriscava a vida a qualquer hora do dia. (Santa Cruz, 2021, p. 27)

O lema medieval “flutua sobre as ondas, mas não naufraga” parece ter-se incrustado de tal forma no espírito dos parisienses, que os levou a reagir imediatamente à destruição parcial da Catedral de Notre-Dame, em abril de 2019, a qual sempre consideraram mais do que uma igreja, o coração de sua capital e da França. “O fogo ainda ardia, com uma enorme espiral de fumaça engolfando os céus, quando eles começaram a se mobilizar para a reconstrução” (Santa Cruz, 2021, p. 16).

O que dizer sobre o general Dietrich von Choltitz, que, no final da Segunda Guerra Mundial, segundo a versão do livro *Paris está em chamas?* (Lapierre & Collins, 1944/2023), resistiu à ordem de Hitler para deixar Paris

Afinal, Paris está em chamas?

um campo de ruínas, caso a sua perda fosse inevitável? *Paris está em chamas?*, questiona Hitler, sacudido por acesso de raiva. Grita que deu as ordens necessárias ao general Von Choltitz para que a cidade fosse destruída, que designou pessoalmente unidades especiais para preparar as destruições. *Essas ordens foram executadas?* Berra com sua voz rouca: *Paris está em chamas?* Bate o punho na mesa. *Quero saber. Paris está em chamas? Paris está, sim ou não, pegando fogo?* (Lapierre & Collins, 1944/2023).

Os historiadores divergem, até hoje, sobre as razões de Von Choltitz para anunciar a rendição sem ter deixado Paris em ruínas, sem destruir seus museus, monumentos, palácios, praças, jardins, cafés. Conta-se que, antes de anunciar a rendição, Von Choltitz teria passado longos momentos na sacada de seu escritório no Hotel Meurice contemplando os encantos do Jardin des Tuileries. Negou acionar os explosivos apenas para salvar a própria pele, sabendo que àquela altura a guerra já estava perdida? Não quis entrar para a história como o responsável pela destruição de uma cidade, patrimônio da civilização, que aprendera a reverenciar?

Trago esse breve histórico de Paris para sublinhar sua tradição revolucionária, sua resiliência frente a invasões e guerras, a insistência em fazer avançar a arte, a causa do humanismo e a democracia, não sem dolorosas rupturas e descontinuidades. Uma história que revela alguns pontos de intersecção com a história da psicanálise, sua teoria e clínica, não sem impasses, estereótipias, clichês, reducionismo dogmático. Os explosivos para destruir os pilares da psicanálise não foram acionados.

Nos anos que se seguiram à morte de Freud, psicanalistas geniais fertilizaram o seu pensamento, desenvolvendo modelos teórico-clínicos distintos, que deram origem à criação de várias Escolas Psicanalíticas: as Escolas Inglesa, Americana, Francesa e uma necessidade de adesão a uma delas, levando à criação de termos como analistas freudianos, lacanianos, kleinianos, winnicottianos, bionianos.

A partir daí, um movimento separatista cada vez mais acirrado se instalou, as diferentes Escolas disputando a hegemonia neste campo intelectual, pretendendo ocupar o lugar privilegiado da verdadeira psicanálise, o herdeiro privilegiado da herança de Freud.

Um período incandescente, entre os anos 1940 e 1980, marcado por dissidências, expulsões, irrupção do novo, ruptura e transformação, demarcando fronteiras internas no campo psicanalítico, “tão erigidas e impenetráveis quanto as que na esfera política se instalaram durante a guerra fria” (Mezan, 2021, p. 519).

Neste período, a psicanálise flutuou sobre ondas de inflamadas discussões, mas não naufragou. Desconstruídas as muralhas entre as Escolas, há o avanço em direção a uma psicanálise pluralista e heterogênea. Embora com

visões e linguagens diferentes, as elaborações de ponta, como afirma Luís Claudio Figueiredo:

Fazem justiça à pulsão e às relações objetais, levam em conta o desamparo e o desejo, pensam em termos de conflito e déficit, investigam as dimensões da fantasia e do trauma, vale dizer, dão atenção ao intrapsíquico e ao intersubjetivo. A partícula *e* no lugar do *ou* aponta para o caráter complexo e paradoxal das teorizações e estilos que então se forjam, desconstruindo as velhas oposições paradigmáticas. (2009, p. 18)

Na medida em que a psicanálise ganhou em complexidade, a problemática derivada do sectarismo entre a prática psicanalítica singular e privada e a psicanálise que se manifesta no domínio público por meio da teoria de suas instituições e a relação com o político e o social, entra em cena com calorosos debates sobre o lugar da psicanálise na cultura, sua relação entre o coletivo e o individual, o sujeito e sua inserção política e social.

Ao mesclar e, ao mesmo tempo, separar psicanálise individual e fenômenos sociopolíticos, corre-se o risco de descaracterização do método e da técnica psicanalítica? Corre-se o risco de diluir em um espaço psicossocial a especificidade da estrutura psíquica? Ao mesmo tempo, amplia-se a crítica da psicanálise dissociada do contexto histórico e das angústias do mundo, restringindo sua produção teórica ao campo da clínica individual. Uma psicanálise que não oferece hipóteses que contribuam para o debate e a análise das questões macroestruturais e que, portanto, não tem sustentado e levado adiante a herança freudiana, a qual atribui à psicanálise um potencial teórico capaz de analisar e compreender os grandes conflitos da humanidade.

Freud, em sua busca de compreender os enigmas do psiquismo humano, coloca em relevo o funcionamento psíquico do sujeito em relação aos grandes eventos da humanidade. Seu empenho pode ser constatado em alguns artigos. Em *Psicologia das massas e a análise do ego* (1921/2006), Freud afirma que, na vida anímica do indivíduo, as relações com os outros (família, sociedade etc.) aparecem com tal regularidade que a psicologia individual é simultaneamente psicologia social.

Apoiado nessa herança de Freud, um trabalho de Hanna Segal, “O silêncio é o verdadeiro crime” (1987/1998), destaca-se por sua aguçada análise, utilizando conceitos freudianos e kleinianos sobre as ilusões narcisistas, onipotentes e mortíferas; e os mecanismos inconscientes arcaicos que entram em jogo nas situações bélicas contemporâneas. Afirma que a visão psicanalítica tanto da destrutividade da espécie humana quanto do alto custo de sua negação contribui de forma importante para a compreensão de questões sociopolíticas.

Hanna Segal viveu na própria pele os horrores da Segunda Guerra Mundial, a necessidade de fugir do seu país, a experiência da migração forçada. Foi cofundadora, em 1983, do grupo de Psicanalistas para a Prevenção da Guerra Nuclear (PPNW). “O silêncio é o verdadeiro crime” é considerado uma das contribuições psicanalíticas mais significativas para o debate nuclear.

Seguindo essa problemática, analistas latino-americanos, devido ao longo período de governos militares, tiveram a experiência da violência ditatorial e do terrorismo de Estado, a cultura do medo e os exílios externo e interno. Quando puderam, escreveram sobre isso, em uma tentativa de explorar as relações dos sujeitos com o poder, a alienação, o desamparo e a crueldade presentes nessas situações sociais de alto impacto traumático.

Destaco, aqui, Marcelo Viñar, psicanalista uruguaio, um dos expoentes deste movimento em prol de estabelecer relações entre fenômenos sociais, configuração cultural e sofrimento psíquico. Publicou em 1989, em parceria com Mauren Viñar, o livro *Exílio e tortura*, talvez em resposta a “O silêncio é o verdadeiro crime”. Muito mais do que uma descrição da tortura e das vicissitudes do exílio, os autores desse livro se interrogam sobre o significado da violenta arbitrariedade no psiquismo humano, trazendo contribuições valiosas para a teoria e a clínica. Afirmam que “a tortura cria no espaço social algo como referente de uma punição, cujos efeitos trágicos visam não somente à vítima, mas, através dela, o grupo social no qual provoca o medo e a paralisia” (Viñar & Viñar, 1989/1992, pp. 70-71).

Psicanalistas e pacientes, movidos pelo processo psicanalítico, geralmente trabalham com a *mente na linha de fogo* (tema do Congresso Internacional de Psicanálise realizado em 2023, em Cartagena). No entanto, quando colocamos a cultura no divã, muitas questões entram em cena para serem extensa e miudamente debatidas e pensadas.

Como as perspectivas psicanalíticas e sociais se cruzam? Como nosso método e nossa técnica são afetados quando trabalhamos com pessoas em situações extremas? Como nosso método e nossa técnica são afetados quando trabalhamos com indivíduos submersos no racismo estrutural, no machismo estrutural, nos ataques estruturais à sua diversidade de gênero, no fascismo, na imigração forçada? Como ressoa em nós a história desses pacientes? Ela nos é próxima? Está do outro lado da nossa pele? Qual é nossa distância desse drama?

Ao recusar experiências provenientes dos contextos social e político que também o assolam, o assombram, o afetam violentamente, o analista coloca o paciente do outro lado de sua própria pele, construindo uma muralha intransponível entre ambos. Uma muralha que aborta continuamente a possibilidade de encontrar palavras, na sombra e nos escombros, para dizê-los e compreendê-los. Uma muralha com efeito de descartar de

forma radical os tumultos provenientes da pólis, tratando-os como meros ruídos, material descartável, negando ou se recusando a considerar que há algo da história coletiva que atravessa todos nós.

Por outro lado, a sobreposição do medo e da paralisia entre analista e paciente pode colocar o analista em um saber sob regime de urgência que o direciona rapidamente a uma teoria pré-existente para não sucumbir ao desconhecido. Em ambos os casos, o patrimônio psicanalítico se encontra em risco de destruição, já não mais flutua sobre a tortuosa onda da investigação. Naufraga.

Retorno a algumas elaborações realizadas por Marcelo e Mauren Vinâr sobre exílio e tortura, pois auxiliam a encontrar uma abertura para o dilema entre o gelo da desafetação e o fogo da consumição.

Mauren e Marcelo, devido ao regime ditatorial no Uruguai, se exilaram na França por 15 anos, mas procuraram não apagar a memória de uma vivência de terror e de morte iminente, o que para eles foi também suporte de vida. Ainda na França, Marcelo relatou que, no início de seu exílio, em um grupo de trabalho, apresentou como lhe foi possível seu primeiro texto que testemunhava a tortura na América Latina. Um texto, disse, que tentava contar o que se passava por lá e provar, ao mesmo tempo, que estava vivo e podia pensar. Um colega, renomado no grupo por sua inteligência e sagacidade, explicou-lhe o que contava não era nem novo, nem original, fazendo uma aproximação entre o que Marcelo trazia sobre a tortura e o conceito do *des-ser* na análise lacaniana.

Marcelo lembrou como a certeza do colega, sua lucidez e sua arrogância o magoaram, provocaram gagueira e rancor: “O colega detinha o bom saber” (p. 98). Essa experiência não esmoreceu Marcelo, ao contrário, levou-o a refletir com empenho como há sempre um saber que se busca e não se encontra, como a posição do colega e a dele revela um encontro impossível entre “o saber sapiente e o sujeito que sofre” (p. 98).

Quando Mauren e Marcelo retornam ao Uruguai, eles têm a oportunidade de se confrontarem na clínica com situações singulares de pacientes que vivenciaram a tortura de alguma forma. Uma senhora vivenciava a prisão do marido por causa de suas atividades políticas; Pepe e Pedro sofreram tortura e elaboraram a experiência de forma distinta; o menino Manuel tinha 2 anos quando seus jovens pais foram detidos na Argentina e considerados desaparecidos; Béatrix, a menina de 12 anos proveniente de uma família judia atingida pela deportação e pela morte durante a Segunda Guerra Mundial.

À luz da clínica e mantendo um estado de espírito metapsicológico suficientemente flexível, tecem questionamentos interessantes sobre a função da memória e da alucinação; sobre a experiência de demolição vivida frente à tortura. Marcelo considera a função da memória como recurso e seu apagamento como fracasso. Duas saídas possibilitam distintos meios para viver a

ameaça de morte e a morte real que existe na tortura. Instiga-se o psicanalista a pensar se é necessário investigar a memória, o esquecimento e o apagamento unicamente na arquitetura individual da personalidade ou se é também preciso investigá-los na trama coletiva da memória social em seus modos de tratamento dos efeitos intoleráveis da violência social.

O momento alucinatório, tal como descrito por Pepe e Pedro, confrontados com a vivência de confusão, loucura, solidão e desamparo; coloca o analista, salienta Marcelo, em um campo de observações clínicas tristemente extensas, pois não se trata de uma exceção ligada à estrutura de um sujeito ou da singularidade de um caso, mas “antes da passagem ou do desfecho necessário de um processo inteligente calculado por um poder político” (p. 58). Isso abre caminho para considerar por quais rumos a tortura conduz à alucinação e se a investigação sobre a tortura, como situação limite, nos ensina algo sobre a relação entre valores éticos, menos questionados na sociedade habitual: “A experiência da tortura não seria reveladora de imperativos tácitos do laço social que são indizíveis na vida ordinária?” (p. 61).

A experiência clínica com Pepe e Pedro leva Marcelo a introduzir também a noção de *demolição*. Uma experiência de desmoronamento e loucura frente à vivência de tortura que desloca o indivíduo de seu mundo amado e investido para colocá-lo diante de um buraco sinistro repleto de vergonha, humilhação, horror, dor, excrementos, produzindo uma desorganização do mundo objetual e a não diferenciação entre objetos internos e externos,

em um nível inesperado de uma experiência que mobiliza aspectos inéditos, mecanismos não experimentados na história anterior do sujeito, onde o martírio destrói o caminho da maturação ontogenética e reinstaura um sistema de relações objetais primitivas que obriga a restaurar, mesmo a fundar novamente, o mundo próprio dos valores. (p. 48)

A partir dessas premissas, Mauren e Marcelo se debruçam sobre o manejo clínico com esses pacientes. Quando das consultas, afirma Marcelo, o terror da tortura é raramente dito de imediato. Caso isso aconteça, é fruto de uma palavra estereotipada, não ligada a uma elaboração. Para entender os laços entre as diversas queixas e sintomas,

importa menos deter-se nos detalhes de quadros clínicos que buscar onde eles estão articulados com a história anterior. Se podemos marcar o ponto onde a constelação identificatória foi tocada, um trabalho de recomposição e de reparação pode começar. (p. 144)

Dar um sentido ao horror, marcado de uma intencionalidade humana, toca o analista e o paciente nos limites do impensável. É preciso saber

que a assimilação completa do vivido é impossível: as zonas de silêncio são necessárias e o terapeuta deve respeitar estes limites intransponíveis, sem ouvi-los como resistências. É preciso interrogar a dialética do terror e do “Eu não quero saber”, e as sequelas que se organizam a partir do desconhecimento ... um fantasma complementar a um terapeuta detentor do saber, pode surgir: alguém viu e viveu o horror e dele conhece a verdade. O fantasma cristaliza uma certa fascinação pelo pavor que cativa o paciente e seu meio, aí compreendido o terapeuta, pelo viés da transferência. O essencial em relação ao horror é marcá-lo e mantê-lo como “resto” não integrável. (p. 145)

Tratar esses pacientes não significa estabelecer o inventário de desgastes físicos e psíquicos e tentar sua reparação, “é também procurar articular estes desgastes com uma nova maneira de ser, reconhecível pela palavra, gesto e destino” (p. 141).

A psicanálise com pessoas em situações extremas, submersas em vivências de tortura e exílio, submersas no racismo estrutural, no machismo estrutural, nos ataques estruturais à sua diversidade de gênero, no fascismo, na imigração forçada, impõe ao analista sustentar o não saber que inevitavelmente o coloca, por vezes no gelo, por vezes no fogo, algumas vezes em um regime de urgência de sapiência para responder de forma rápida e eficaz à demanda do paciente em risco de sucumbir.

O analista, semelhante ao general Von Choltitz, para salvar a própria pele, titubeia. A ditadura da eficácia, poder e saber tende a acionar explosivos para destruir o patrimônio psicanalítico. O trabalho com a sua própria mente, nestes momentos, é imprescindível. É o que pode sustentar o não saber e resgatar o analista da armadilha da urgência, da ameaça de algo que pode não se salvar se não pensado rapidamente.

Marcelo e Mauren, partindo de suas próprias experiências de exílio e fundamentados nas experiências clínicas com pessoas que sofreram tortura, elaboraram um constructo teórico muito mais do que uma descrição da tortura e suas vicissitudes. Interrogam-se sobre o significado da violenta arbitrariedade no psiquismo humano e expõem as condições possíveis para a prática analítica com os pacientes em sofrimento extremo. Fornecem uma direção para a clínica com pessoas em situações extremas. Mostram processos analíticos que, provavelmente e mais do que nunca, demandam escuta semelhante à que propõe Nietzsche, citado na epígrafe deste trabalho.

Primeiro temos que aprender a ouvir a música, detectá-la, distingui-la, isolando-a, demarcando-a como uma vida em si. Fazem-se necessários

Afinal, Paris está em chamas?

empenho e boa vontade para suportar sua estranheza, usar de paciência com o que nela é singular. Isso vale tanto para a clínica como para constructos teóricos, em especial em relação ao que não sabemos ainda ou que pouco sabemos e, talvez, nunca saberemos a tempo.

Afinal, a psicanálise está em chamas? Sim, a psicanálise está em chamas, como sempre esteve e é necessário que continue assim. Seu espírito revolucionário, coluna vertebral de sua ética, deverá chamar-nos para prosseguir com experiências que promovem permanente pesquisa e ampliação dos dispositivos teórico-clínicos que nos instigam a imaginar e construir o seu futuro. Não sem rupturas, descontinuidades e continuidades permeadas por incandescentes discussões em meio a sombras, opacidades e luminosidades que por vezes nos cegam.

Después de todo, ¿arde París?

Resumen: A partir de la lectura de *¿Arde París?*, de Lapierre y Collins, y de *Para entender París*, de Selma Santa Cruz, la autora subraya la tradición revolucionaria del psicoanálisis, su insistencia en hacer avanzar la teoría y la técnica, columna vertebral de su ética. Las construcciones teóricas y clínicas elaboradas por Marcelo y Mauren Viñar sobre el exilio y la tortura proporcionan una especie de brújula para la clínica con personas en sufrimiento extremo. Una clínica que exige del analista una apertura al dilema entre el hielo del desamor y el fuego de la consumación.

Palabras clave: psicoanálisis en llamas, ética psicoanalítica, psicoanálisis con personas en sufrimiento extremo.

After all, is Paris burning?

Abstract: Drawing on her reading of Lapierre and Collins' *Is Paris burning?* and Selma Santa Cruz's *Para entender París* [To understand Paris], the author emphasizes the revolutionary tradition of psychoanalysis, its insistence on advancing theory and technique, the backbone of its ethics. The theoretical and clinical constructs elaborated by Marcelo and Mauren Viñar on exile and torture provide a kind of compass for the clinic with people in extreme suffering. A clinic that requires the analyst to find an opening to the dilemma between the ice of disaffection and the fire of consummation.

Keywords: psychoanalysis in flames, psychoanalytic ethics, psychoanalysis with people in extreme suffering

Après tout, Paris brûle-t-il ?

Résumé : S'appuyant sur la lecture de *Paris brûle-t-il?*, de Lapierre et Collins, et *Para entender Paris* [Pour comprendre Paris], de Selma Santa Cruz, l'autrice souligne la tradition révolutionnaire de la psychanalyse, son insistance à faire progresser la théorie et la technique, colonne vertébrale de son éthique. Les constructions théoriques et cliniques élaborées par Marcelo et Mauren Viñar sur l'exil et la torture constituent une sorte de boussole pour la clinique avec des personnes en souffrance extrême. Une clinique qui demande à l'analyste de trouver une ouverture au dilemme entre la glace de la désaffection et le feu de la consommation.

Mots-clés : psychanalyse en flammes, éthique psychanalytique, psychanalyse avec des personnes en souffrance extrême

Referências

- Figueiredo, L. C. (2009). A psicanálise e a clínica contemporânea: uma introdução. In L. C. Figueiredo, *As diversas faces do cuidar* (pp. 13-22). Escuta.
- Freud, S. (2006). Psicologia das massas e a análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 311-316). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Lapierre, D. & Collins, L. (2023). *Paris está em chamas?* (J. R. Simões, Trad.). L&PM. (Trabalho original publicado em 1944)
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos* (2ª ed.). Blucher.
- Santa Cruz, S. (2021). *Para entender Paris* (3ª ed.). Matrix.
- Segal, H. (1998). O silêncio é o verdadeiro crime. In H. Segal, *Psicanálise, literatura e guerra: artigos 1972-1995* (E. B. Neves et al., Trans., pp. 153-166). Imago. (Trabalho original publicado em 1987)
- Viñar, M. & Viñar, M. (1992). *Exílio e tortura* (W. Lisboa, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1989)

Recebido em 24/3/2025, aceito em 13/5/2025

Vera L. C. Lamanno-Adamo
vlamannoadamo@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.03